

O FEMININO E A MATERNIDADE NA PSICANÁLISE FREUDIANA:  
REFLEXÕES CRÍTICAS

Thais Becker de Campos

Graduada e Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Autora do livro "Feminilidade e Maternidade na Psicanálise" pela Editora Appris e "Arte Grega e Sublimação: reflexões psicanalíticas" pela editora Iperfil

Monah Winograd

Possui graduação em Psicologia pela UFRJ (1992), Especialização em Psicoterapia pela UFRJ (1994), Mestrado (1996) e Doutorado (2001) em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Atualmente é Professora Associada do PPG em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Vice-decana de Pós-graduação e Pesquisa do CTCH da PUC-Rio. Coordena o Laboratório de Pesquisas Avançadas em Psicanálise e Subjetividade (LAPSU) e o Digital Humanities Lab-PUC-Rio. É pesquisadora da Cátedra Sérgio Vieira De Mello (ACNUR-ONU) e integra as linhas de pesquisa Psicanálise: Clínica e Cultura e Psicologia Social. Tem como eixos de pesquisa atuais a pulsão de morte nos processos individuais e coletivos, psicologia das massas e aspectos subjetivos da experiência do refúgio. Coordena as pesquisas Situação Psíquica em Contextos de Violência, Exclusão Social e Desterritorialização e A Pulsão de Morte Contra a Pulsão de Morte. Foi Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ/2010)

**Resumo**

O presente artigo discute a visão freudiana de feminilidade e maternidade. Propõe-se, inicialmente, uma contextualização sócio-histórica de Sigmund Freud (1856-1939). Destacam-se como influências importantes nos escritos do autor, a cultura patriarcal, as ideias iluministas de complementaridade e o ideal romântico de feminilidade. O artigo analisa como estas influências aparecem na teoria freudiana sobre o feminino. É realizado um estudo sobre o conceito de Complexo de Édipo para a realização de uma análise crítica da visão freudiana sobre o que seria um desenvolvimento saudável da feminilidade, que envolveria a realização da maternidade como destino ideal.

**Palavras-chave:** Teoria Freudiana; Feminilidade; Maternidade; Complexo de Édipo.

**Abstract**

This article discusses a Freudian view of femininity and motherhood. Initially, a socio-historical contextualization of Sigmund Freud (1856-1939) is proposed. A patriarchal culture stands out as important influences on the author's writings, such as Enlightenment ideas of complementarity and the romantic ideal of femininity. The article analyzed how these influences appear in Freud's theory of the feminine. A study is carried out on the concept of the Oedipus Complex in order to carry out a critical analysis of the Freudian view of what would be a healthy development of femininity, which would involve the realization of motherhood as an ideal destiny.

**Keywords:** Freudian theory; Femininity; Maternity; Oedipus Complex;

### **Introdução**

Para que se possa discutir o pensamento freudiano acerca da função da maternidade para o feminino faz-se necessário compreender o contexto sócio-histórico no qual Sigmund Freud (1856 – 1939) estava situado. Nenhum ser humano, por mais genial e atemporal que se pareça, pode ser descolado de sua cultura e momento histórico. Donna Haraway propõe a noção de conhecimento situado para ser colocado em evidência o momento e local de elaboração de uma teoria, considerando que não há possibilidade de neutralidade, o corpo teórico é constituído pelos pontos de vista daquela comunidade de pensadores. Situar o conhecimento e permitir múltiplas leituras e traduções é o que possibilitaria desenvolver um olhar crítico, reflexivo e até irônico da teoria em questão, permitindo, assim, o desenvolvimento de uma noção mais rica de universalidade e objetividade, que incluam a contestação, a responsabilidade, a paixão.

Neste sentido, o objetivo com esta contextualização não é psicanalisar as questões pessoais de Freud, como muito já foi feito, mas situar o conhecimento construído por ele para que se possa, do momento em que vivemos e do lugar que ocupamos, realizar uma crítica criativa e em favor de uma contribuição à própria psicanálise, cientes de que nos alimentamos pelos simbolismos de nossa época e o máximo que se pode fazer, para além de reproduzi-los, é construir algo novo, a partir deles. Foi o que Freud fez. Pela análise das pacientes históricas, conseguiu capturar muito da sua cultura, com sua extrema sensibilidade descreveu representações que habitavam o imaginário da humanidade e, assim, construiu uma concepção inédita sobre a organização do psiquismo e seu funcionamento.

### **Um homem oitocentista e a criação da Psicanálise**

O jovem Sigmund Freud cresceu em uma tradicional família judia vienense do século XIX. Nascido numa pequena vila morávia, mudou-se, ainda em tenra idade, para Viena e lá permaneceu até sua saída para Londres, já no final de sua vida, forçado pela ascensão do nazismo.

Na capital austríaca, seus pais fizeram tudo que podiam para oferecer ao notável filho a melhor educação desde muito cedo, mesmo que para isso precisassem retirar dos demais filhos, especialmente das filhas. Freud era o único que tinha um quarto exclusivo e quando estava estudando, todos deveriam permanecer em silêncio. Sem sombra de dúvidas, ter tido acesso a uma das melhores faculdades de medicina do mundo, estar em uma grande metrópole podendo conviver com pessoas cultas e ter um público suficientemente numeroso e rico para o estabelecimento de sua clínica, foram ingredientes importantes para possibilitar a criação da Psicanálise.

Uma teoria criada por um cidadão vienense não poderia ser mais urbana e burguesa. A cidade abrigava, nesta época, uma fértil mistura de elementos contrastantes, inevitavelmente, internalizadas por Freud e expressos em sua obra. Viena tinha um misto de melancolia e boemia.

Essa mistura estava presente na arquitetura, pela coexistência de edificações modernas e góticas, na literatura romântica alemã, que trazia grande erudição e beleza com o pessimismo, e no clima cultural, que era muito rico, mas atravessado pela decadência e apego à família imperial. A distração nos bailes, cafés e teatros era uma forte característica dos vienenses que pareciam sempre estar à procura de prazeres como um dos principais remédios para se esquecer as mazelas da vida. O clima da cidade *parecia* ser sempre alegre e leve. É neste caldo cultural que Freud cresce, constrói sua família e sua teoria.

Na organização familiar da época, a autoridade do marido, subordinação da mulher e dependência dos filhos era inquestionável. Mesmo na família de origem de Freud, em que seu pai era visto por ele como um velho homem fraco e a mãe, por outro lado, contemplada pelo filho como bela, inteligente e possuidora de grande apreço pela liberdade, mesmo assim “não teve, . . . meios de rebelar-se contra a condição de esposa no lar.” tendo oito filhos em dez anos.

A relação de Freud com sua mãe era mutuamente idealizada. Para ela, seu primogênito era motivo de grande orgulho e vaidade, tinha nele a expectativa de que seria um homem de feitos grandiosos, chamando-o de “meu Sigi de ouro”, não se furtava de explicitá-lo como o filho predileto. Freud, por sua vez, via na mãe uma mulher jovem, ativa e sedutora, amava-a profundamente. Talvez, justamente pela intensidade desta mistura de encantamento e horror de um afeto sublime e carnal, tenha sido tão difícil para o criador da psicanálise fazer considerações que não fossem tão contraditórias sobre o feminino e a maternidade, mesmo tendo, em sua maioria, pacientes mulheres.

Passando de seu papel de filho para o de enamorado e, posteriormente, marido, Freud era um conservador, foi um perfeito exemplar dos costumes burgueses. A noiva escolhida deveria ser meiga, delicada e dedicar-se, integralmente, à casa e aos filhos. Apesar de Freud ter traduzido para o alemão a obra de Stuart Mill sobre a emancipação feminina, deixou claro para sua noiva Martha Bernays que sua doce princesa devia renunciar a qualquer projeto de autonomia, dizia isso como um generoso presente para ela. Fazia questão de ter uma família nos moldes tradicionais e preservar o ideal de feminilidade.

Tinha uma atitude conservadora também em relação à própria sexualidade. De acordo com o ideal romântico moderno, o amor platônico, a atitude amorosa estava mais próxima da alma que do corpo, o amor deveria ser idealizado e não realizado. Foi esta a relação de Freud com seus amores e, apesar de viver a juventude atormentado pela repressão de seus impulsos, via na exibição libidinal uma possibilidade de excesso e destruição, por isso, optava pelo desejo não saciado ao encontro dos corpos.

Com a efetivação do casamento, Freud pôde, por um curto período, se permitir a satisfação sexual, ideia que lhe é tão cara na construção de sua teoria, mas o lugar de Martha como cuidadora do lar e dos filhos se solidificou e “passou do estado de noiva ardorosamente desejada ao de esposa e mãe realizada, respeitada e deserotizada”. Além disso, como uma forma

de poupar a esposa das recorrentes gravidezes, numa época em que não se tinham muitas alternativas contraceptivas, optou pela abstinência sexual ainda aos 40 anos. A sublimação se tornou, assim, seu principal recurso para lidar com a sexualidade impedida.

A precisa diferença de papéis sociais genericada que Freud, e quase a totalidade da população da época, adotava sem questionar é herdeira da longa história de construção civilizatória calcada em relações sociais de gênero em que o homem sempre esteve numa posição de dominância em relação a mulher. As teorias sobre a determinação dos papéis sociais baseados nas diferenças morfológicas entre os sexos, da filosofia iluminista, estão na base da formação do pensamento de Freud. Com a expansão da ideologia liberal no século XVIII, o surgimento da noção de subjetividade privatizada e os novos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, a visão hierárquica entre os sexos tornou-se contraditória e os pensadores iluministas passaram a ter de repensar a dominação masculina e a condição da mulher, cada vez mais tolhida de direitos.

Como uma sociedade idealmente justa e igualitária poderia defender que homens seriam superiores e, por isso, teriam mais direitos e poderes? A solução do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau amplamente aceita e adotada, foi a teoria de que homens e mulheres não são hierarquicamente distintos, mas anatomicamente desenhados para desempenhar papéis diferentes, ambos fundamentais para o perfeito equilíbrio social. O modelo da complementaridade entre os sexos, além de solucionar de forma perspicaz o problema da incoerência da histórica exclusão feminina com os novos ideais igualitários, consegue solidificar de vez as diferenças, ao ancorá-las na anatomia.

As narrativas sobre as mulheres, do iluminismo à Idade Contemporânea vitoriana de Freud, que descreviam as mulheres como inferiores, indignas e perigosas passaram a considerá-las perfeitas em sua especificidade: a maternidade. A ideia de complementaridade entre os sexos baseados na morfologia dos corpos estabelece, definitivamente, a função materna como destino, não apenas biológico, mas moral das mulheres.

Porém, é importante destacar, apenas as com melhores condições de vida poderiam realizar o ideal romântico de feminilidade doce e delicada, restritas aos cuidados com a casa, marido e filhos, consideradas, assim, boas cidadãs. Portanto, o destino inevitável era vivenciado de maneiras completamente diferentes de acordo com as condições de vida de cada mulher. As mais pobres tinham que trabalhar para sua sobrevivência. Em 1890, 6,7% da população vienense era de criadas, amas de leite, cozinheiras, mulheres que trabalhavam por um local para morar, praticamente, escravas brancas. Existiam, também, os ofícios ligados ao vestuário como modistas, bordadeiras, passadeiras e, em maior número, em trabalhos mais pesados, as operárias. Todas, não importando a ocupação, muito mal remuneradas, o que as obrigavam viver em condições insalubres e, pela cultura patriarcal, deviam se manter resignadas com suas condições.

Essas mulheres não chegariam ao consultório de Freud. Para o desenvolvimento de sua clínica era necessário um público culto e rico e isso, se considerado, traz algumas consequências

para sua construção teórica sobre os dilemas da feminilidade e da maternidade. O criador da psicanálise tinha uma visão crua e até pessimista, em diversos aspectos ao tratar da relação entre ser humano e civilização, porém, no que se refere ao feminino e a maternidade, nos parece uma leitura bastante romântica, pertinente a uma realidade histórica e social específica.

Assim, as histéricas que expuseram seus corpos e suas falas à escuta freudiana, possibilitando a criação da Psicanálise, não representavam uma pluralidade de realidades. Eram mulheres de um grupo bastante homogêneo e restrito da elite vienense. Com elas, Freud e Breuer iniciaram a aventura nos obscuros conteúdos do inconsciente com o objetivo terapêutico de trazê-los à luz da consciência. Este é, inegavelmente, um projeto de forte influência iluminista e positivista: trazer ao controle do pensamento racional o escondido/obscuro/inominável. Esse ideal, junto com o tema da sexualidade feminina, estava no cerne das discussões acadêmicas dos quais Freud fazia parte. Um dos grandes problemas que a medicina da época buscava solucionar era conter essa sexualidade considerada perigosamente arriscada ao descontrole, que a qualquer vacilo poderia deixar de subordinar-se pacificamente à vida conjugal e maternal.

O primeiro contato mais próximo de Freud com uma paciente histérica foi por meio de seu amigo Dr. Breuer que assumiu o tratamento de Bertha Pappenheim, e alguns anos depois ele próprio passou a receber casos similares. O interesse de Freud pelo curioso fenômeno de intensa expressão corporal de algo sem aparente correlação neurológica o encaminhou a aprofundar nesses estudos, estagiando na mais avançada instituição de doenças nervosas, o hospital La Salpêtrière, na França, com o maior especialista em histeria da época, Jean-Martin Charcot.

Até Charcot, a histeria ainda era muito impregnada, mesmo na medicina, de uma compreensão quase religiosa, vista como expressão de uma loucura sexual feminina de origem uterina. Durante muitos séculos, sustentou-se a ideia de que o diabo entrava no útero das mulheres, desviando-as de sua função divina: a reprodução da espécie. Esse entendimento, que remete ao fenômeno de caça às bruxas, intenso no final da Idade Média e Renascimento, mas que persiste até os dias atuais em diferentes formas de manifestação, na medida em que, por quaisquer motivos que sejam, mulheres consideradas desviantes das funções de mãe e esposa dedicada, são julgadas e condenadas pela corte religiosa, política, médica e social. A fixação masculina em controlar a sexualidade feminina nunca teve fim, apenas transitou em diferentes campos do saber dominante-masculino, que criaram diferentes formas de controlá-la. De desequilíbrio de um fluido universal presente nos corpos para possessão demoníaca ou, ainda, como grandes simulações, qualquer que fosse a interpretação, a ideia do corpo sexuado como nocivo à sociedade era o centro.

Os estudos de Charcot foram inovadores ao trazer novos entendimentos para este campo. Por meio da hipnose, em sessões quase teatrais na presença de alunos, médicos e intelectuais, demonstrou que a histeria não se tratava de uma simulação, algo diabólico ou algum distúrbio ligado ao útero, mas tinha origem traumática ou funcional hereditária. Essas aulas

foram decisivas para Freud iniciar a investigação da origem dos sintomas histéricos nas expressões psíquicas.

Freud, assim como seu professor, principiou suas investigações e tratamento clínico por meio da hipnose, porém logo abandonou esta técnica, considerando que os resultados não eram significativos e duradouros. Passou para o método catártico para, posteriormente, finalmente, adotar a livre associação, inaugurando, assim, um espaço de fala. Ao buscar desvendar a origem dos sintomas histéricos por meio da escuta analítica da fala livre e romper com a indiscutível ideia de hereditariedade, propondo a sua etimologia em um trauma sexual vivenciado na infância, se afastou de vez de seu mestre Charcot.

Freud inaugurou a clínica psicanalítica com um ato revolucionário, ao invés de fazer suposições do alto de sua posição de homem, branco, burguês e médico, se calou para ouvir as mulheres que chegavam ao seu consultório e escutar do que falava a histeria. A partir disso, pôde conceber a ideia de uma mente cindida em que a inconsciência é predominante, complexa e pungente. Descorporificar a histeria foi uma das grandes revoluções de Freud, mostrar que a “perturbação no corpo exhibe a fratura interna do sujeito” causada pela discrepância entre a essência sexual humana e a imposição de uma moral oitocentista, especialmente para as mulheres.

Sua terapêutica tem o objetivo de ajudar o analisando a reconstruir sua história primitiva com base nos fragmentos que emergem durante a sessão e trazer para a consciência/Eu/razão as vivências ligadas à formação dos conteúdos traumáticos que, inconscientes, provocavam a formação dos sintomas.

É na virada do século XIX para o século XX que a Psicanálise ganha o *status* de uma nova teoria, descolada da psiquiatria, neurologia ou psicologia que, apesar de conversar com todas, tem seus próprios fundamentos. Se tornou, desde então, uma das principais correntes de pensamento sobre a *psiquê* influenciando toda a compreensão do século XX sobre o ser humano e suas relações. Amado e odiado, a imagem de Freud mantém-se no imaginário popular como poucos outros pensadores da história.

Mesmo estando totalmente intrincado aos ideais oitocentistas de sua vida cotidiana, Freud conseguiu transcender seus mestres ao ampliar a noção de sexualidade para uma disposição psíquica primordial, a essência de toda atividade humana, não a considerando mais apenas como prazer genital e como função reprodutiva. Assim, ele desmoraliza a sexualidade humana e desdemoniza a feminina. Rompe com séculos de tradição filosófica e científica misógina ao apontar a causa da histeria não como um desregramento da sexualidade feminina, mas, pelo contrário, o adoecimento se daria a partir de sua repressão pela cultura patriarcal e conservadora.

Para além da ampliação da noção de sexualidade, outra inovação importante da teoria psicanalítica é a concepção de uma estrutura, uma lógica e uma dinâmica próprias da realidade

psíquica “ele introduz racionalidade ali onde tudo parecia sem sentido, pois a grande revolução freudiana consiste em provar que o ‘sem sentido’ na verdade, transpira sentido por todos os poros.” A psicanálise se tornou, assim, um grande instrumento de compreensão sobre a subjetividade, bem como uma técnica clínica única, ao trabalhar não apenas para a eliminação de sintomas, mas para uma reformulação da dinâmica intrapsíquica, no sentido de oferecer aos sujeitos maior liberdade sobre impulsos sintomáticos aprisionantes.

Foi por meio da escuta atenta dos conteúdos trazidos pelas pacientes históricas, de sua autoanálise e interpretação de seus sonhos que observou uma dinâmica comum nos conflitos e desejos que a criança, presente no adulto, carrega em relação às figuras parentais. Denominou esse conjunto de afetos amorosos e hostis como um romance familiar e para dar forma às suas observações encontrou na tragédia Édipo Rei seu modelo. Freud se apoiou, em diversos momentos da sua obra, nas narrativas míticas como fontes de referência, inspiração e modelos na construção de conceitos. O complexo de Édipo é, com toda a certeza, o mais célebre exemplo dessa simbologia que fornece sustentação para as observações freudianas, ao notar correspondências de sua teoria à tragédia, diz ele:

Essa descoberta [romance familiar edípico] é confirmada por uma lenda da antiguidade clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a Tragédia de Sófocles que traz o seu nome.

Assim, Freud postula uma história afetiva do sujeito com seus pais como a base sob a qual se desenvolve a organização do psiquismo, seja de forma neurótica ou normal. O roteiro por meio do qual essa história se desenrola foi conceitualizado, na teoria psicanalítica, como complexo de Édipo. Para Freud, o complexo edípico é universal, todos precisam se haver com essa triangulação, que envolve o desejo incestuoso com um dos pais e a rivalidade com o outro. O que vai diferir é o modo como cada um consegue solucionar essa fase e partir para novas relações objetais. Outra diferenciação importante que Freud apresenta depois de 1923 é a forma como os sujeitos de cada sexo tendem a realizar essa solução “agora a diferença entre os sexos tem sua primeira expressão psicológica” determinando, portanto, duas formas primordiais de passar pelo complexo, uma masculina, considerada a forma normal ou positiva, e outra feminina, a forma invertida.

A importância do complexo de Édipo, na constituição psíquica é tamanha, que no entendimento de Freud apenas essa descoberta já seria o suficiente para colocar a psicanálise entre as mais importantes conquistas da humanidade. Por isso, para se compreender a noção freudiana de feminilidade e o papel da maternidade para sua constituição, faz-se necessário entender como ocorre e quais as consequências deste complexo para a organização do psiquismo de cada sexo.

### **Complexo de Édipo na Constituição do Psiquismo**

Tal como a tragédia de Sófocles, Freud descreve o desenvolvimento sexual humano em torno dos desejos incestuosos do filho, na primeira infância, em relação a sua mãe e sentimentos hostis em relação ao pai, considerado seu rival. Segundo essa teoria, todos terão de lidar com esta triangulação e a forma como cada sujeito se posiciona em relação a esses afetos e sua impossibilidade de realização é definidora, não apenas da organização sexual adulta, mas do núcleo neurótico. Por isso, para Freud, não há discussão quanto à universalidade do conflito edípico, chegando a colocar a admissão ou relativização dessa conceitualização como a linha que separa o que é ou não psicanálise, pois para ele “O avanço do trabalho psicanalítico tornou cada vez mais nítida a importância do complexo de Édipo; o reconhecimento dele se tornou o xiboleto que distingue os adeptos da psicanálise de seus opositores.”

Apesar de a forma como cada pessoa vivencia e soluciona o conflito edípico ser singular, o romance triangular mãe/filho/pai envolvendo desejos incestuosos e parricidas seria universal, atravessando qualquer época e cultura, portanto, não importando se há uma estrutura familiar nuclear, propriamente dita, na realidade. Por isso, esse é um conceito central para a compreensão da metapsicologia freudiana sobre o feminino.

Assim como a tragédia grega, o complexo foi descrito por Freud pelo viés masculino, ou seja, baseado na experiência do menino. Durante muito tempo, Freud entendia que este modelo podia ser simplesmente transposto para a menina invertendo os sexos dos genitores amado/odiado, portanto, era considerado único, tanto para meninos como meninas. Porém, a partir de 1923 com o artigo “Organização Genital Infantil”, Freud passou a considerar o ápice do conflito edípico na fase fálica, que conta com uma importante diferença entre os sexos: presença e ausência do pênis. Por isso, foi necessário repensar as influências desta consideração para o desenvolvimento e desfecho do complexo, a teoria inicial de que todo o processo seria igual para ambos os sexos não cabia mais com esta nova compreensão de ênfase no pênis. Freud, então, passou a qualificar o complexo edípico de duas formas distintas, uma positiva/normal/masculina e a *outra* negativa/feminina.

### **Édipo “Normal” Masculino**

O complexo de Édipo do menino, assim como o da menina, se inicia com o apaixonamento pela mãe, primeiro objeto de amor para ambos. A consequência disso, para o menino, é que passa a perceber o pai como um rival, pois com ele divide a atenção e os afetos da mãe. Ao entrar na fase fálica esses sentimentos se intensificam na medida em que começa a haver, de fato, uma excitação genital. Nesta fase, o interesse pelo genital é predominante, note: pelo genital, no singular, pois o único considerado visível para as crianças de ambos os sexos



seria o masculino, portanto, único existente. Por isso, não se diz que há um primado dos genitais para meninos e meninas, mas um primado do falo.

Esse superinvestimento no prazer fálico, por meio de manipulações do órgão, é fortemente combatido pelos adultos, especialmente, segundo Freud pela mãe que “compreende muito bem que a excitação sexual do garoto diz respeito a ela mesma” (p. 249), a proibição à masturbação é acompanhada da severa ameaça de tirar dele a coisa com a qual está fixado, o pênis.

Ao descobrir que este não é um benefício comum a todas as pessoas, pela visão do genital feminino, o menino começa a elaborar teorias sobre o porque desta diferença. Dentre uma série de possíveis explicações, a que se estabelece como a mais adequada e assustadora é a possibilidade de que a mulher tinha um órgão como o dele, mas foi castrada como forma de um castigo. Agora, a ameaça de castração se torna real e a pequena criança precisa lidar com essa possibilidade, o medo de ter o mesmo destino das mulheres, pela masturbação e por estar rivalizando o amor da mãe com o pai, o faz renunciar da disputa e do prazer genital saindo, assim, da fase fálica e entrando no período de latência.

Porém, o menino não simplesmente rompe com esse primeiro amor. Para conseguir abdicar desta satisfação passará a buscar, no futuro, em outras mulheres, sua substituição. Assim, a mãe é considerada o primeiro objeto de amor e referência segundo o qual todos os futuros objetos se referenciam.

O menino, então, sai do complexo de Édipo pelo interesse narcísico que dedica ao seu pênis e o medo de perdê-lo pela castração. Da mesma forma que a mãe é internalizada como modelo objetal, a autoridade paterna, que realiza a interdição do incesto é introduzida no Eu, formando o núcleo do Supereu. Mais do que um recalçamento, a angústia de castração e esses mecanismos de identificação promovem uma destruição ou dissolução do complexo de Édipo.

Como dissemos, ao colocar a fase fálica como primordial para os desdobramentos do romance familiar edípico, Freud se confronta com o problema de meramente espelhar a dinâmica masculina para as meninas. Como estas, que já não possuem um pênis e, portanto, não têm mais o que perder, declinariam do amor incestuoso? Além disso, o que faria a menina trocar o primeiro objeto de amor mãe para a figura masculina, o pai?

### **Édipo “Negativo” Feminino**

Após colocar a angústia de castração como o principal acontecimento que leva ao desfecho do complexo, Freud, baseado na ideia de que “anatomia é o destino”, vincula a construção das identidades masculina e feminina, que ocorre pelo atravessamento edípico, à diferença anatômica. Assim, torna-se inevitável a existência de uma distinção entre os processos de meninos e meninas, fundamentado na presença e ausência do pênis. Observa-se, deste modo, a inauguração de um segundo tempo na compreensão do feminino na teoria freudiana. Antes

disso, pensava-se o feminino como o masculino. Até a época do complexo de castração a menina era tida, basicamente, como um homenzinho, porém com o fortalecimento do primado fálico, Freud passou a atribuir à sexualidade feminina uma especificidade própria sem, todavia, deixar de considerar o falo como referência.

A menina, assim como o menino, tomaria a mãe como primeiro grande objeto de amor, apesar de só reconhecer tardiamente, em sua teoria, a importância e a duração deste primeiro vínculo, ou desta fase considerada pré-edípica. Por outro lado, reafirma que, independente de como tenha sido esta primeira relação, é o desenrolar e o desfecho do complexo de Édipo, que são os catalizadores da organização psíquica neurótica, sempre o reiterando, assim, sua centralidade na teoria.

Deste modo, para que se instale o amor incestuoso em relação ao sexo oposto, onde se desenvolve a trama edípica, seria necessário que a menina fizesse um movimento a mais que o menino, precisaria realizar uma mudança do sexo do objeto, uma mudança da meta pulsional. A menina, realizaria, então, um deslizamento libidinal da mãe para o pai, um processo mais longo e complicado que o menino. A explicação para que esse movimento ocorra, também toma a diferença anatômica como referência. Ao constatar a discrepância entre seu órgão genital e o dos meninos, a menina “vem a reconhecer sua falta do pênis, ou melhor, sua inferioridade clitoriana”, se sentindo inferiorizada por não compreender porque ela não foi, também, presenteada com algo tão extraordinário.

Segundo Freud, a primeira suposição das meninas para explicar essa diferença é que elas já tiveram um pênis, mas perderam, foram castradas: “a menina aceita a castração como um fato consumado, enquanto o menino teme pela possibilidade de sua consumação” (p. 253) ao perceber “seu próprio defeito” sente-se inferior e ao reconhecê-lo também em todas as outras meninas e mulheres sente uma grande desvalorização de seu gênero, incluindo, principalmente, sua mãe.

Com a constatação de que este é um problema geral para todas as mulheres, a menina muda sua suposição e deixa de considerar que já teve um pênis que lhe foi retirado, mas que foi sua mãe que não a concebeu com o genital. Assim, a teoria freudiana sobre a sexualidade feminina descreve a mulher como se percebendo inferior e por culpa de outra mulher. A mãe, ela mesma mutilada, gera uma filha com o mesmo defeito e a indignação provocada na menina por isso seria tão grande que a faria abandonar a mãe como objeto primordial. Nos perguntamos, aqui, por que Freud não considerou que a menina poderia direcionar essa hostilidade ao pai já que a inveja poderia despertar sentimentos de ódio e vingança? Ele próprio já colocou a inveja feminina como fator de hostilidade da mulher ao sexo masculino que seria evidente, segundo ele, “nos esforços e nas obras literárias das ‘emancipadas’”, relacionando as obras feministas pela emancipação feminina, um problema de ordem sócio-histórica, a uma teorização da subjetividade em torno do ressentimento de ter ou não o falo. Como seria o roteiro do romance familiar se

transferíssemos essa visão de ressentimento da mulher adulta, para a menina em plena fase fálica?

Para Freud, esse sentimento de desprezo e ódio ao perceber-se naturalmente castrada – por culpa da mãe – soma-se a tantas outras situações vivenciadas entre elas como: a divisão de seu amor com outras pessoas, repressão da masturbação e não ter sido amamentada o suficiente. Uma série de desenganos finalmente afasta a menina da mãe em direção ao pai. Novamente, aqui, percebemos a centralidade da questão ausência/presença do pênis no estabelecimento do complexo de Édipo, pois esses outros desenganos, poderiam ser sentidos por crianças em relação às suas mães, independente do sexo, mas os caminhos tomados são totalmente diferentes, definidos pela relação que cada um estabelece com a diferença anatômica.

Complexo de castração feminino é a inveja do pênis e o ódio à mãe conceitualizados, e é o que levaria a menina a redirecionar seu investimento libidinal da mãe para o pai, é isto que permitiria a entrada da menina na relação edípica, portanto, está na base do desenvolvimento feminino. Se o falo é a grande referência em torno da qual a sexualidade humana, tanto masculina quanto feminina, se desenvolve, para Freud até a puberdade só existe o masculino, seu contraponto não é o feminino, mas o negativo do masculino, a castrada.

Assim, no menino, o Édipo é considerado uma formação primária, já na menina secundária, pois ela primeiro deseja a mãe, sente a falta do pênis e por isso passa a desejar o pai para, finalmente, desejar um filho/pênis do pai. O apego ao pai e, portanto, a entrada na experiência edípica da menina, é uma consequência da inveja do pênis, enquanto que para o menino o complexo de castração é sua saída.

Resgatando a noção de performatividade de Judith Butler para a reflexão a respeito do complexo de Édipo, na teoria freudiana as performances de gênero se restringem, com a maturidade psíquica, em masculinas ou femininas, pois a diferença anatômica, presença ou ausência do pênis, é o grande divisor dos possíveis encaminhamentos do complexo.

Seguindo na proposta da filósofa estadunidense, entretanto, não seriam os efeitos simbólicos da diferença anatômica que causariam nos sujeitos determinadas posições afetivas, mas as narrativas dadas pela cultura desde o momento de seu nascimento e, atualmente com o desenvolvimento das tecnologias pré-natais, desde os primeiros exames pelos que cercam aquele bebê. Seriam os discursos dos adultos, crianças mais velhas, os contos de fadas e infinitas outras possibilidades de pedagogias de gênero que direcionam o processo de subjetivação por determinados caminhos privilegiados culturalmente e perpetuados historicamente pelo controle social.

No texto de Freud, toda a construção sobre a feminilidade é desenvolvida em torno da referência fálica, “as teorias de Sigmund Freud reforçaram ainda mais a explicação tradicionalista. . . a máxima de Freud de que ‘anatomia é destino’ que deu nova vida e força aos argumentos de supremacia masculina” . Freud segue na esteira do conhecimento

predominantemente construído por homens, desde a Antiguidade. De Galeno à Freud, a mulher é um homem com algo a menos. Assim, a teoria freudiana, baseada em uma visão binarista, considera a existência de dois sexos segundo os quais todo o desenvolvimento psicosssexual é atrelado, por meio das relações que se estabelecem na dualidade mulher/mãe *versus* homem/pai. Freud vai fazer da diferença o motivo central de suas reflexões.

### **Mulher e feminilidade: uma teoria de contradições**

Ao nos depararmos, nos dias de hoje, com toda essa teorização freudiana, rapidamente poderíamos acusá-lo de machista. Interpretá-lo desta forma seria reducionista, seu pensamento é muito mais complexo do que nos aparenta uma primeira leitura. Além disso, como já supracitado, Freud é um homem que viveu numa certa época e certo local, e esperar que ele pudesse se descolar totalmente de sua realidade e olhar para o ser humano, de um outro lugar, sem nenhum tipo de vínculo com seu contexto, é ingênuo. Por isso, faz-se importante lembrar que o que está em análise não é o homem, mas a teoria. É a psicanálise freudiana que sobrevive através das décadas e, acredita-se, precisa, constantemente ser relida à luz das novas realidades e questões que se apresentam na atualidade para se manter viva.

Sua construção é terreno no qual atravessam, contraditoriamente, subversões e conservadorismos. Pode-se identificar a coexistência de dois pensamentos contrastantes. Por um lado, a conceitualização de uma sexualidade originalmente perverso-polimorfa como uma predisposição humana universal, ou seja, uma sexualidade sem formas de satisfação *à priori*, que nos remete à noção de unidade sexual, onde, a princípio, homens e mulheres seriam essencialmente iguais. Seria por meio, principalmente, da educação que moções sexuais parciais originárias seriam unificadas, moldadas e direcionadas à um masculino ou feminino. Por outro lado, se apoia na anatomia, como já exposto, para construir as ideias em torno das diferenças no desenvolvimento psicosssexual o que nos remete à noção de uma dualidade primordial de gênero.

Essa contradição pode ser herança de dois sistemas de pensamos diferentes: o pensamento filosófico galênico que consistia no monismo sexual, ou seja, apenas o masculino existiria e a mulher, seria um homem com menos calor vital, atrofiado, com algo a menos: “Temos de reconhecer que a menininha é um homenzinho” ; e, por outro lado, a tradição iluminista que demarca a diferença sexual anatômica entre homens e mulheres como uma complementaridade imprescindível para o funcionamento da sociedade. .

Outra contradição importante se refere ao fato de que ao mesmo tempo que Freud subverteu a noção de sexualidade ao descrevê-la como função primordial na constituição psíquica humana e, justamente, a impossibilidade de sua satisfação a causa das neuroses, especialmente para as mulheres devido a severa educação, não sendo, assim, a sexualidade feminina *per si* o problema, como vinha sendo descrito nos manuais médicos e tratados cristãos, mas a cultura repressora, Freud, por outro lado, não deixa de buscar, também, algo inerente ao feminino para

justificar suposto menor interesse sexual das mulheres. Atribui, assim como os gregos clássicos ao postularem a ideia de menor calor vital e os iluministas que descreveram o papel social da mulher baseados na anatomia dos corpos, uma pré-disposição psíquica por “menor contribuição sádica para a pulsão sexual, que sem dúvida podemos juntar com o atrofiamento do pênis” (p. 253) como responsáveis pelo menor interesse e atividade sexual feminina.

Quer dizer, para Freud não há saídas. Se não é a cultura que reprime as mulheres, são seus corpos que denunciam sua inferioridade ou, ainda, sua pulsionalidade que possui menos potência. Toda a compreensão sobre o desenvolvimento da sexualidade feminina se baseia nesses fundamentos e o melhor desfecho seria encontrar algum tipo de compensação. A plena aceitação da condição de castradas só seria suportada com uma contrapartida, a obtenção de um substituto fálico. O desenvolvimento da feminilidade seria apenas possível pelo reconhecimento no marido e, principalmente, nos filhos, pelo exercício da maternidade, a parte que lhes falta.

### **Feminilidade e Maternidade**

Pelo estudo da metapsicologia freudiana acerca do complexo de Édipo e seus diferentes direcionamentos em meninos e meninas, foi possível compreender o quanto este é, para Freud o catalizador e organizador dos mais intensos afetos da história primitiva do sujeito, base fundante da organização psíquica. Teorizada nos moldes da tragédia de Édipo Rei, essa organização é marcada, principalmente, pelas relações parentais e pela percepção da diferença anatômica dos genitais masculino e feminino. Assim, compreendendo como se desenrola o complexo de Édipo para Freud, pudemos vislumbrar suas descrições sobre a feminilidade e o lugar dado à maternidade neste processo.

A feminilidade de que ele fala, segundo Kehl , se refere, ao modo como a mulher habita seu corpo, como simbolizam sua suposta castração e fazem da falta do pênis a condição para desejar um homem. Mais do que desejar um homem, o que Freud coloca em destaque como objeto substitutivo privilegiado para a falta feminina é um filho.

Após considerar que o complexo de Édipo da menina não se dá como no menino devido aos efeitos da percepção diferença anatômica, Freud investe na tentativa de descrever os trilhamentos afetivos realizados pela garota para abandonar a relação incestuosa e entrar na cultura.

Vimos que a menina realiza a troca do objeto primordial mãe pelo pai, uma mudança na meta pulsional de ativa para passiva , devido ao ódio e desprezo que passa a sentir pela mãe ao perceber-se sem o pênis, culpa-a por, dentre outras coisas, não ter lhe dotado do órgão símbolo de poder. Assim, dirige seu amor ao pai, primeiramente desejando ter um pênis como ele e, posteriormente, deslizando este desejo para ter um filho dele “Ambos os desejos, de possuir um pênis e um filho, permanecem fortemente investidos no inconsciente e ajudam a preparar o ser feminino para seu futuro papel sexual.” , essa trama edípica feminina e futuro papel sexual de que

Freud nos fala é a maternidade. Esta seria não apenas uma das possíveis saídas, mas a saída privilegiada para a mulher ante o reconhecimento da castração, “a superioridade do homem e sua própria inferioridade”. Segundo essa teorização, esse sentimento de ter algo a menos pode levar a menina a três possíveis caminhos, porém, apenas um a encaminharia para o pleno desenvolvimento de sua feminilidade.

O primeiro deles, pelo susto resultante da comparação do seu corpo com o do menino, a menina se decepcionaria com seu pequeno clitóris e por isso desistiria da atividade masturbatória, renunciando não apenas da posição ativa/masculina, mas qualquer expressão de maior potência/masculinidade em todos os campos da vida, o sentimento de frustração e inferioridade levariam, neste caminho, a um afastamento geral da sexualidade, o que corresponde à neurose.

Outro possível caminho seria oposto ao anterior. O sentimento da falta não levaria a menina a um afastamento da sexualidade mas, o contrário, acarretaria numa busca incessante pelo falo, tornando-se um dos grandes objetivos de sua vida. Esse “complexo de masculinidade” seria, para Freud, uma das possíveis causas da homossexualidade feminina, além de levar mulheres à recusa de seu papel social primordial, a vida doméstica, e à identificação com atividades consideradas essencialmente masculinas como o pensamento intelectual.

Alguém poderia interpolar tais afirmativas, neste momento da leitura, assegurando que Freud aceitou mulheres em seu círculo de estudos, algo muito subversivo para a época e que isso demonstra que ele não tinha nada contra a atividade intelectual feminina. Concorde-se em partes, apesar de ter amigas de grande estima e admiração como Marie Bonaparte e Lou Andreas-Salomé e, ao ser questionado por estudiosas que reivindicavam seus lugares de fala como mulheres com suas experiências para contrapor os argumentos freudianos sobre a feminilidade, sua defesa era de que “isso não vale para as senhoras. As senhoras são uma exceção; mais masculinas do que femininas neste ponto.” incluindo qualquer postura ativa de mulheres, como a argumentação intelectual, como uma perturbação do caráter denominado do complexo de masculinidade. Contraditoriamente, o homem que criou a psicanálise a partir da escuta das histéricas, se esquivou teoricamente do que as intelectuais poderiam ter falado sobre suas feminilidades e maternidades. Interrogamos se essa resistência de Freud não se deu justamente por estas se colocarem numa relação de igualdade e não na desigual relação médico-paciente.

Assim, para Freud apenas um terceiro caminho levaria ao desenvolvimento normal da configuração feminina. Somente o da menina que consegue, ao invejar o pênis, tomar o pai como objeto e desejar ter um filho dele, filho que representa o falo. Veja que as outras duas posições não estabelecem a equivalência simbólica falo = filho e, por isso, permanecem presas na ideia da falta que as levam ou para um afastamento geral da sexualidade ou para a eterna reivindicação de um pênis.

Assim, na vida adulta, a expressão do caminho considerado por Freud normal para o feminino é a efetivação da maternidade. As mulheres, apenas podem chegar ao pleno desenvolvimento das suas feminilidades ao alcançar a melhor solução para seu problema edípico quando conseguem deslizar do desejo de ter um pênis para o desejo por um filho e, finalmente, quando o realizam concretamente. Esta seria “a meta do desejo feminino mais intensa. É grande a felicidade quando este desejo por um filho encontra mais tarde sua efetiva realização, contudo mais particularmente se a criança é um menininho que traz consigo o pênis almejado.” (p. 333)

Fica evidente a força da referência fálica na teoria psicanalítica freudiana, o desejo de possuir um pênis perduraria toda a vida da mulher e o sentimento de inferioridade não pode ser resolvido, apenas atenuado mediante uma compensação. A maternidade, assim, entra na teoria freudiana da feminilidade como a solução ideal para o problema da inferioridade, o melhor destino para o desejo feminino por excelência: desejo do pênis. A relação maternal é, para Freud, o destino do feminino:

Só a relação com um filho traz à mãe satisfação ilimitada; de todas as relações humanas, ela é a mais perfeita e a mais isenta de ambivalência. Para o filho, a mãe pode transferir a ambição que teve de reprimir em si mesma, e esperar dele a satisfação de tudo que lhe restou do seu complexo de masculinidade. O casamento mesmo não está assegurado enquanto a mulher não conseguir fazer do seu marido também o seu filho e agir como mãe em relação a ele. (p. 340)

Esta idealização, quase cristã, expressa por Freud nesta citação, ao significado da maternidade para a mulher nos demonstra uma grande ambivalência em relação ao tema. Tomando a relação mãe e filho como a mais perfeita, contradiz a si mesmo quando aponta como uma das situações que afastam a menina da mãe, para a entrada no complexo de Édipo, onde o medo de ser morta pela percepção de hostilidades vindas desta “não é possível afirmar com que frequência esse medo não se apoia numa hostilidade inconsciente da própria mãe, que a criança intui.” Será que Freud sinaliza de forma não explícita uma diferença entre a relação mãe/filha e mãe/filho?

Além disso, apesar de reforçar a função feminina como essencialmente doméstica e maternal, Freud aponta que a posição da mulher como representante da família e da vida sexual é um dos riscos para o desenvolvimento da civilização, pois adotaria uma atitude hostil frente a ela, tendo em vista que “o trabalho da cultura tornou-se cada vez mais assunto dos homens; coloca-lhes tarefas sempre mais difíceis, obriga-os a sublimações instituídas de que as mulheres não são muito capazes.” (p. 67) Assim, as mulheres disputariam com a cultura, a libido limitada dos homens. O suposto caminho ideal para feminilidade pelo amor de mãe – não apenas para com os filhos, mas também com o marido – conforme desenhado por Freud, aparece em *O mal-estar na civilização* como um perigo para a cultura.

Eis o dilema de ser mulher na modernidade freudiana: ter de reprimir seus impulsos sexuais e agressivos devido à educação moralista e por isso adoecer neuroticamente; se não os

reprimem e são capazes conquistar algum grau de sublimação, contribuindo para aquisições culturais, são diagnosticadas com um transtorno de caráter, o complexo de masculinidade; ou ainda, na melhor das opções, abandonam a atividade masturbatória clitoriana, pela inveja do pênis, em favor de metas sexuais passivas que desembocará pelo desejo à maternidade, porém, a devoção à família, conforme os moldes sociais, as colocam como refreadoras do desenvolvimento civilizatório, lemos aqui, a histórica antítese do conflito homem/cultura *versus* mulher/natureza.

Diante esse impasse, qual a possibilidade de não adoecimento para as mulheres? Todos esses destinos, porém, não são suficientes para se considerar o quão insuportável pode se tornar a vida das mulheres nesta cultura repressora, falocêntrica e patriarcal. Se não for pelo caminho de mudar a realidade e os entendimentos sobre o que ser mulher, pode-se criar a ideia de que essas dores não nos são tão dolorosas assim, na realidade, podem ser até prazerosas, uma das características fundamentais da feminilidade, segundo a teoria freudiana, é a capacidade de conseguir obter um *quantum* de prazer da dor e das restrições impostas.

### **Considerações Finais**

Dentre diversas polêmicas, um dos pontos mais criticados da teoria psicanalítica é a concepção freudiana sobre o feminino. Ao longo de sua obra, Freud, esplendidamente reforça a importância da cultura para a constituição psíquica e origens do sofrimento. Com ele é possível aprender que o ser humano é um ser pulsional e social e que só pode se constituir e se manter vivo a partir da coletividade.

Porém, ao buscar descrever o feminino, as mulheres e, especificamente suas experiências em relação à maternidade, parece não conseguir se descolar de uma narrativa naturalista já existente e predominante em seu momento histórico. É evidente que não criou toda essa teorização sobre o feminino e a maternidade apenas a partir de suas observações clínicas e investido de sua cultura vienense oitocentista. Sob ombros de gigantes, suas ideias estão em consonância com o discurso da filosofia clássica de Galeno: a mulher é um homem que falta algo, seja calor vital, seja um órgão fático, e a solução que ele nos traz para essa falta corresponde com os ideais iluministas encabeçados por Rousseau: o papel fundamental da mulher é a maternidade.

Portanto, Freud caminhou junto com os manuais morais e médicos da época que tratavam de doutrinar a sociedade para a ideia de maternidade como centro da vida das mulheres, que ganhou muita força com o início do capitalismo e com ideais iluministas. Apesar de Freud ir além na forma de descrever a função da maternidade para o feminino, por meio das tramas pulsionais e romance familiar edípico, sua conclusão final é a mesma dos demais pensadores: maternidade como melhor destino para a feminilidade. Assim, observa-se o caráter cis hetero normativo da visão freudiana sobre sujeito e, portanto, também sobre maternidade



A Psicanálise nasceu da escuta das mulheres, o que possibilitou a desconstrução de diversas teorizações aprisionantes sobre a sexualidade e libertação feminina em vários aspectos. Freud percebeu que o sintoma histérico é uma forma de questionar a moral sexual oitocentista, porém, não conseguiu ouvir que os sintomas poderiam denunciar muito o mais que isso, uma forma de protestar o lugar reservado às mulheres e seus desejos, tanto na vida sexual quanto social “ele não vê que esta escapatória [adoecimento psíquico] é para as pobres, assim como para as ricas, a única escapatória para as rebeldes.” A fuga pela histeria não deixava de ser também deste ideal de feminilidade que ele mesmo adota, a necessidade de se mostrar doce, passiva, naturalmente formatada para as atividades domésticas e maternais.

Portanto, a psicanálise de Freud, como qualquer outra produção humana, não é criada num vácuo, ela está enraizada numa história e cabe que se mantenha uma constante análise da teoria aproveitando esta incrível capacidade que ela tem de poder ser produto e agente questionadora da cultura e de si mesma.

**Bibliografia**

BERTIN, Célia. **A Mulher em Viena nos Tempos de Freud**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DELPHY, Christine. Patriarcado. Em: HIRATA, H. et al. (Eds.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173–178.

D'INCAO, Maria. Ângela. Mulher e Família Burguesa. Em: DEL PRIORI, M. (Ed.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 223–240.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e Caça às Bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Completas**. Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 99–150.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias à psicanálise. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Completas**. Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. v. 18p. 123–354.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Completas**. Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. v. 18p. 13–121.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Completas**. Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 16p. 13–74.

FREUD, Sigmund. A Moral Sexual “Cultural” e o Nervosismo Moderno. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Completas**. Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 8p. 359–389.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Completas**. Tradução: Paulo César De Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6p. 13–172.

FREUD, Sigmund. Construções na Análise. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Completas**. Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a. v. 19p. 327–344.

FREUD, Sigmund. Compêndio de Psicanálise. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Completas**. Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018b. v. 19p. 189–273.

FREUD, Sigmund. O Declínio do Complexo de Édipo. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade Feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018c. p. 247–257.

FREUD, Sigmund. Organização Genital Infantil. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018d. v. 7p. 237–242.

FREUD, Sigmund. Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018e. v. 7p. 121–132.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018f. v. 7p. 259–276.

FREUD, Sigmund. Sobre a Sexualidade Feminina. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018g. v. 7p. 285–311.

FREUD, Sigmund. O Tabu da Virgindade. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018h. v. 7p. 155–178.

FREUD, Sigmund. A Feminilidade. Em: FREUD, S. (Ed.). **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018i. v. 7p. 313–341.

FREUD, Sigmund.; BREUER, Josef. **Estudos sobre a Histeria**. Tradução: Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 2

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575, 22 set. 1988.

KEHL, Maria. Rita. Posfácio: Freud e as mulheres. Em: FREUD, S. (Ed.). **Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 353–368.

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean.-Bertrand. Complexo de Édipo. Em: **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MEZAN, Renato. Viena e as origens da psicanálise. Em: **Tempo de Muda: Ensaio de psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 273–299.

NUNES, Silvia. Alexim. **O Corpo do Diabo entre a Cruz e a Caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo**. Tradução: André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SALLMANN, Jean. Michel. Feiticeira. Em: DOBY, G.; PERROT, M. (Eds.). **História das Mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991. p. 517–533.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.